

ENTRE AS TEORIAS E AS PRÁTICAS: o ensino de história sob perspectivas interdisciplinares

Cleusa Teixeira de Sousa¹
Gilberto César de Noronha²

RESUMO

Este artigo objetiva trazer à luz dos debates algumas reflexões acerca de duas concepções frequentemente discutidas entre especialistas e estudiosos das temáticas relativas ao Ensino de História, dada a relevância desses temas no cenário do conhecimento epistemológico e sistematizado no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem e seu entrelaçamento com a interdisciplinaridades dos objetos de conhecimento trabalhados no bojo das disciplinas escolares que compõem a área das ciências humanas e para além delas. Para tanto, metodologicamente optamos pela investigação qualitativa baseada no cotejamento de fontes bibliográficas enfatizando análises e discussões relevantes para a compreensão da temática de abordagem deste estudo. Nesse sentido, partimos dos escritos de Barros (2014), Bourdieu (2004), Gadamer (1997), Hartog (2003), Koselleck (2006), Rüsen (2009; 2014); Ricoeur (1995; 1997); Paulo Freire (1996), dentre outros.

Palavras-chave: Teoria; Prática; Ensino de História; Interdisciplinaridades.

BETWEEN THEORIES AND PRACTICES: TEACHING HISTORY FROM AN INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE

ABSTRACT

This article aims to bring to light the debates some reflections on two conceptions frequently discussed among specialists and scholars of themes related to History Teaching, given the relevance of these themes in the scenario of epistemological and systematized knowledge in the development of the teaching and learning process and its intertwining with the interdisciplinarity of objects of knowledge worked within the school subjects that make up the area of human sciences and beyond. To this end, methodologically we opted for qualitative research based on the comparison of bibliographic sources, emphasizing analyzes and discussions relevant to understanding the theme of this study. In this sense, we start from the writings of Barros (2014), Bourdieu (2004), Gadamer (1997), Hartog (2003), Koselleck (2006), Rüsen (2009; 2014); Ricoeur (1995; 1997); Paulo Freire (1996), among others.

¹ Pós doutoranda do Programa de Pós Graduação ProfHistória da Universidade Federal de Goiás; Doutora em História pela UFG com bolsa de doutorado sanduiche pela Universidade de Coimbra - UC. Investigadora Colaboradora do Centro de História, Sociedade e Cultura - CHSC- FLUC - Universidade de Coimbra. Membro do Grupo Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade da UEM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7252-9438> Email: cleotsou@gmail.com.

² Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente no Curso de História e no Programa de Pós-Graduação e ProfHistória do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9985-2697>. E-mail: noronha.gilberto@gmail.com

Keywords: Theory; Practice; Teaching History; Interdisciplinarity.

História é... [...] retomar tudo, para tudo ressituar no quadro geral da história, para que sejam respeitadas, não obstante as dificuldades, as antinomias e as contradições entranhadas, a unidade da história que é a unidade da vida (Braudel, 1992, p.31).

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como escopo analisar as possibilidades e fluidez do entrelaçamento entre a teoria e a prática no desenvolvimento do ensino de História a partir das relações e intersecções interdisciplinares.

Para tanto, num primeiro momento traremos à luz das reflexões uma definição mais ampla, mas não menos importante, sobre a acepção do termo “teoria da história” e do significado da prática neste contexto. Seguindo tal ordem de apresentação, o primeiro faz alusão ao campo interdisciplinar de investigações acerca da história, que se delinea na intersecção com outros campos do saber, os quais sejam as ciências sociais; a literatura, a filosofia, a geografia, dentre outros.

Enquanto a prática reluz no modo como essa operação científica e analítica é reelaborada e transmitida aos discentes. Tendo em vista que nos desdobramentos dessa articulação almeja-se o deslocamento do conhecimento científico reelaborado por meio da inteligibilidade do fazer docente, respaldado por métodos, habilidades e pela fluidez entre esses dois pontos centrais: teoria e prática que dinamizam o conhecimento na tessitura do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos discentes.

Nesse mote, assinala-se que a interdisciplinaridade é responsável por “estabelecer relações entre duas ou mais disciplinas, ramos de conhecimento”³ ou aquilo que diz respeito a duas ou mais disciplinas. Portanto, é na relação muito objetiva e abstrata que constitui a realidade do mundo social e histórico⁴, da teoria e a prática, que os docentes constroem seus saberes. É por meio do diálogo constante

³ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 7. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.30.

entre as disciplinas que o docente realiza, articula e operacionaliza os saberes, disseminando-os entre os discentes por meio do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. São saberes da experiência constituídos no exercício da (e não apenas para a) prática cotidiana da profissão, fundados no trabalho e no conhecimento do meio: são a cultura docente em ação.”⁵. *Habitus*, segundo a conceituação de Bourdieu. Disposições adquiridas na e para a prática real, e que permitem ao professor enfrentar os desafios imponderáveis da profissão, constituindo a condição básica para um novo profissionalismo. Saberes que articulam os saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares, mas não se reduzem a eles – porque vivido, há o elemento subjetivo, de histórico, irrepetível da experiência: ambivalente, oposições sem sínteses, como é a vida vivida.

A virada do século XIX para o XX, representou um momento de mudanças epistemológicas, políticas não só no Brasil, mas também fora dele, a partir da bipolarização do mundo, ocasionada pela Guerra Fria e pela redução do expansionismo imperialista/colonialista das potências europeias e aumento do poderio político, econômico e influência dos Estados Unidos da América em âmbito internacional, também causou transformações nos pensamentos, reflexões, ampliou as fontes documentais e investigativas dos historiadores provocando mudanças nos métodos e nas práticas do ensino de História.

Estas transformações contemporâneas no campo epistemológico e ideológico promovido pelas inúmeras reflexões e surgimento de novos paradigmas no campo investigativo e historiográfico nos remetem diretamente à escrita da História. Suas novas abordagens em decorrência de estudos relativos às regiões alusivas à América Central, à Ásia e à África despertaram atenção especial de pesquisadores da arqueologia, da história e de demais áreas do conhecimento que se debruçaram sob este propósito investigativo com maior ênfase. Pois, procurava-se vestígios do passado num tempo cada vez mais recuado acerca da Europa, das Américas e, sobretudo, da África.

Na perspectiva conceitual, a História seguiu a senda da Filosofia que passou a questionar a objetividade do positivismo e sua convicção para se chegar à verdade. Assim, surgiu a Sociologia e em seguida a Linguística, ambas aliadas ao subjetivismo.

⁵ Segundo TARDIF et al, apud MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores: entre saberes e práticas. In: *Educ. Soc.* [on-line]. 2001, v. 22, n. 74. p.127.

Deste modo, as disciplinas em questão, partiram da conjectura de que para se conhecer uma dada sociedade faz-se necessário recorrer à mediação das teorias sobre o seu funcionamento, suas transformações, bem como, os quadros conceituais e interpretativos que a compõem.

Tais dimensões abalizadas por elementos epistemológicos, políticos e ideológicos alicerçaram as ciências, contribuíram significativamente para o desdobramento de novas implicações e repercussões no bojo da História. Desta forma, nos deparamos com a ampliação das fontes históricas que passaram a dar atenção especial às reminiscências, buscando identificar as permanências, as mudanças, as trivialidades, bem como o cotidiano de pessoas comuns e não apenas aqueles relativos aos personagens centrais das sociedades investigadas. O surgimento e a utilização do método possibilitaram fixar e resguardar os limites territoriais do historiador, contribuindo para a sua promoção à condição de cientista.

Não por acaso, precisamos da teoria, conhecimento embasado na cientificidade dos fatos para desenvolver e mediar o processo de ensino e de aprendizagem atribuído aos discentes. Deste modo, utilizamos a teoria para localizarmos e apreendermos os conceitos e métodos científicos adequados para “transformar” de maneira consciente esse conhecimento por meio da aplicação das diversas formas metodológicas que servem como estratégias para o desenvolvimento do processo de ensino, se tornando um modo elegível de colocar a teoria em prática. Neste sentido, propomos o diálogo com teóricos e estudiosos da história e de áreas a fim, como Jörn Rüsen; Paul Ricoeur; Reinhart Koselleck; François Hartog; Paulo Freire (em suas propostas de junção entre teoria e prática); José de Assunção Barros; Maria Auxiliadora Schmidt; Isabel Barca; dentre outros, que

A Teoria e a Metodologia da História: competências basilares na formação e atuação do historiador

A Teoria e a Metodologia se configuram como chaves mestras na sustentação das investigações históricas, se constituindo como categorias basilares para a formação do historiador. Haja vista que ambas dimensionam e norteiam o âmbito

profissional e disciplinar que formalizam a escrita da história – historiografia⁶ – no campo intelectual e científico, assim como tais escritas servem para orientar a prática executada na formação humana propiciada pelo ensino de História⁷.

A priori, necessitamos compreender e discutir o conceito de Teoria(s) da História que compõem a matriz disciplinar da História na contemporaneidade. Aclarando conceitos e questões relevantes para reflexões pertinentes ao tema. O termo teorias da História nos remete às abordagens de objetos historiográficos específicos como, eventos ou processos referentes à acontecimentos que marcaram o mundo⁸. A esse exemplo podemos citar, o Nazismo, a Revolução Russa, as crises específicas do capitalismo, etc. Permitindo ainda, tratar de teorias mais amplas e/ou generalizadoras que aludem a uma série de eventos, como Totalitarismo; Revoluções, dentre outros. As teorias, podem se encaixar em alguns tipos de padrões, os quais sejam particulares ou genéricos.

Deste modo, os historiadores podem trazer à tona uma teoria que mencione um determinado evento, uma série de eventos, um período, ou ainda, ao desenvolvimento de instituições a partir do entrecruzamento cultural que consiste na elaboração dos pensamentos. Visto que a Teoria da História abrange um largo campo de disputas e diálogos diversificados. Mediante o amplo conjunto de teorias disponíveis para que o historiador realize o seu trabalho, não há como ser imparcial, a escolha será sempre proeminente e necessária, haja vista que não há consenso sobre o entendimento e a prática da História. Mas, cabe ao próprio historiador empreender essa escolha teórica na realização de seu ofício. Pois, de acordo com Jörn Rüsen, a Teoria da História refere-se ao pensamento histórico elaborado cientificamente⁹.

Se a teoria depreende-se do modo de ver e apreender o mundo, a prática está diretamente ligada ao fazer orientado pelo método. Pois, o historiador ao desenvolver a atividade que lhe compete e ao situar um *corpus* documental em série, seguida da incidência de questionamentos ou tabulações de tópicos e critérios, estaria ele possivelmente empregando no desenvolvimento de seu trabalho um tipo de

⁶ Historiografia pode ser definida como toda produção de conhecimento no campo da História em determinado tempo e espaço.

⁷ BARROS, 2014.

⁸ HELLER, 1993.

⁹ RÜSEN, 2001.

metodologia. Deste modo, enquanto a teoria refere-se à um modo de pensar ou ver, a metodologia se refere ao fazer do historiador, no caso deste estudo em específico, o qual refere-se ao Ensino de História. Visto que selecionar os fatos históricos, trata-se de apenas um dos passos no processo de se fazer história que cabe ao historiador, ofício que incita esse pesquisador a lançar olhares para o passado e desenvolver a reflexão crítica para investigar a intencionalidade expressa na escrita das fontes documentais selecionadas, objetivando compreender e apreender o que os documentos relevam e o que ocultam.

Todavia, faz-se necessário compreender que a teoria nos “constrange” a buscar uma aproximação, com certo vagar, do objeto escolhido, pensado e investigado. A teoria vai se avizinando do objeto selecionado para o estudo, assim como dos problemas levantados pelo pesquisador, constituindo uma visão de fora, mas sistematizada, capaz de possibilitar a análise aprofundada do objeto investigado.

Associar a teoria ao método, configura-se como uma das principais competências do pesquisador, sobretudo, quando se busca desenvolver a produção do conhecimento científico. Embora muitas descobertas tenham sido realizadas por meio da intuição, o procedimento científico acabou tomando as rédeas da experiência, a partir de abordagens elaboradas por meio de teorias que aludem ao campo científico, garantindo cientificidade à descoberta.

A Teoria da História constitui-se como um campo de estudos basilar para a formação do historiador. Haja vista que para desenvolver a consciência histórica é necessário saber utilizar os conceitos e levantar as hipóteses adequadas à cada situação problema. Portanto, é imprescindível que o historiador compreenda as teias relacionais tecidas na História com o Tempo; a Memória, ou com o Espaço; bem como identificar e reconhecer as correntes historiográficas e os paradigmas teóricos que compõem a História da historiografia. Portanto, a consciência histórica deve fazer parte do repertório dos historiadores, mas também das reflexões que englobam o conhecimento dos estudantes e de leitores das obras relativas à História. Levando em conta que a História articula relações ambivalentes com outras áreas do saber, promovendo diálogos e disputas interdisciplinares, mantendo a interseção com conhecimentos de campos distintos em busca de compreender a realidade dos fatos (articulada por meio da história vivida) dada a sua complexidade.

É importante compreender que a Teoria e a Metodologia da História são âmbitos distintos, mas que se interpenetram, já que não é adequado orientar um curso de Metodologia da História partindo apenas de aspectos relacionados à Teoria da História, sem levar os discentes a conhecerem os elementos metodológicos – dimensões da investigação e importância de planejamento; introdução e desenvolvimento dos aspectos pertinentes ao trabalho com as fontes; métodos e técnicas de pesquisas; coleta de dados e evidências e análises de discursos e informações – que dão forma ao ofício do historiador.

Nesse sentido, como não seria adequado também, ministrar apenas aulas de práticas metodológicas pertinentes ao campo da História em um Curso de Teoria da História, livre de quaisquer abordagens teóricas – que conduzissem os discentes a compreenderem a relevância dos conceitos na escrita da história (historiografia); os métodos que dão suporte e organizam o desenvolvimento da prática historiográfica, bem como a formulação da situação problema e das hipóteses que norteiam a pesquisa e possibilitam a transição da teoria à metodologia de ensino) e as correntes teóricas como, o Historicismo, Materialismo Histórico, Positivismo ou qualquer outra.

Desta forma, não podemos perder de vista que há distinções que precisam ser levadas em conta, no que diz respeito à Historiografia, à Teoria e à Metodologia. De maneira a ter claro que a Historiografia se compõem pelo acúmulo do exercício realizado por historiadores, essa escrita da História ocorre pelo estudo aprofundado e analítico dos fatos historiográficos já pesquisados anteriormente, os quais ganham uma versão mais reflexiva, aprofundada e sistematizada, processo pelo qual se perpassa pela inserção da Teoria da História, em que se utiliza os conceitos, as teorias analíticas para que o fazer do historiador se materialize através do emprego do método de modo sistematizado na pesquisa. Portanto, a historiografia oferece modelos indispensáveis ao Ensino da Metodologia da História e ao estudo da Teoria da História, ambos carecem do trabalho historiográfico.

Para fazer história precisamos tomar como base as fontes históricas, dialogar com a bibliografia vigente sobre o tema e buscar explicações ou respostas às nossas questões problemas acerca do tema. Já para mediar o conhecimento histórico, precisamos conhecer de forma mais aprofundada a teoria científica sobre o assunto de abordagem, dominá-lo minimamente para estruturar e organizar metodologias didático-pedagógicas que favorecem a mediação desse processo o transformando em

conhecimento e aprendizagem para os discentes. Nesse percurso, se torna claro que a teoria instrumentaliza o conhecimento e a metodologia o coloca em ação. Portanto, ambas devem se entrelaçar, possibilitando que o conhecimento seja adquirido mediante à aplicação dessas categorias no desenvolvimento do processo.

O desenvolvimento da consciência histórica

Na contemporaneidade, o Ensino de História se afirmou como um campo frutífero de estudos e pesquisas ao avultar temáticas relacionadas ao desenvolvimento do conhecimento educacional, às modificações curriculares, à formação de professores, para além de abrir possibilidades de investigações quanto à implementação e reforma das políticas educacionais e averiguação dos objetos de conhecimentos pertinentes à composição de livros didáticos. Nessa perspectiva, a consciência histórica propicia novas formas relacionais de desenvolvimento quanto ao processo, mudanças do pensamento e das práticas sociais que ocorrem no ensino e na aprendizagem da História.

De acordo com os estudos elaborados por Jörn Rüsen (2001), a consciência histórica trata-se de um elemento essencialmente humano, que atrelado à historicidade da vida cotidiana, aponta para um emaranhado de ações desenvolvidas no tempo. Portanto, essa categoria de análise, se configura como um processo cognitivo que mantém relações entre o passado e o presente, possibilitando projeções para o futuro. Para além de contribuir com a formação identitária, aperfeiçoar aspectos da vida humana e propiciar a construção do eu e do outro na interação cultural estabelecida num determinado grupo.

A consciência histórica permite a interpretação da experiência pessoal no tempo, possibilitando a constituição do pensamento histórico que ao ser inserido numa lógica narrativa, consegue estruturar e afiançar sentido aos acontecimentos históricos. Como categoria de análise que faz parte das reflexões desenvolvidas por Rüsen, o pensamento histórico se compõe por meio de fatores que abrangem as dimensões da vida prática e da ciência especializada, assim como provém das práticas que confluem das estruturas acessíveis do pensamento humano, enquanto em níveis de sentido configura-se em sua potencialidade de imputar significado ao passado. Deste modo, o pensamento histórico refere-se à metodização da História, que se desdobra na

produção do conhecimento científico. Pois, é por meio da sistematização do pensamento histórico metodizado e na relação com as verdades apoiadas nos critérios de empiria, normatizador e narrativo, beneficiando as interpretações do mundo humano quanto à crítica e à superação de outras interpretações.

A tarefa de interpretar revela-se como uma das mais complexas no campo intelectual, por conectar os fatos do passado à intersubjetividade controlável que a configura a partir da função explicativa, originando a construção do conhecimento histórico narrado. Nessa expectativa, a narrativa compõe-se de elementos argumentativos que apontam o caráter científico da História e sua característica imprescindível de acesso às informações científicizadas mesmo quando apresenta divergência quanto aos sentidos da experiência interpretativa. Para além da construção da História poder ser fundamentada a partir de paradigmas distintos que nortearam a pesquisa e a escrita da História.

Desta forma, podemos admitir que a consciência histórica é comprovada por meio de diversos níveis de sentido que se exhibe como um aparato de ideias que surgem a partir das ausências de orientação no tempo. Definida como uma espécie de memória específica, suas operações aparecem a partir do reconhecimento de seu lugar na vida cotidiana, visto que seus resultados são percebidos na vida prática do cotidiano daqueles que a promovem.

A consciência histórica também faz parte do arcabouço de reflexões de Rüsen, o qual enfatiza que essa categoria faz parte do processo vital da cultura histórica, os quais sejam: 1) Funcional; 2) Reflexivo; 3) Pragmático. De acordo com a ordem disposta, o primeiro, refere-se à construção de sentido criada de forma prévia, como a linguagem; o segundo parte da reflexão que a partir de sua intervenção no processo Funcional (1), possibilitando a construção subjetiva de novos sentidos; enquanto o terceiro nível atua mediando as interações entre os dois níveis anteriores (Funcional e Reflexivo), na interação dos três níveis se produz o conhecimento histórico com sentido, se perfazendo como o próprio alicerce da ciência histórica. Assim, a consciência histórica se relaciona diretamente com a vida humana prática por se tratar de um fenômeno da vida humana. Nesse sentido, cabe ao homem ações intencionais ao relacionar consigo, com o outro e com a natureza projetando realizações baseadas na experiência e na intencionalidade humanas.

Quanto às normas e os princípios que norteiam o fazer e a narrativa do discurso historiográfico, há que se admitir a eficácia do regime de historicidade elaborado por François Hartog (2003) quanto ao fato de considerar a análise e a compreensão dos usos do passado e da modalidade de consciência histórica que os grupos sociais têm de si e dos outros¹⁰. Para elaborar tal conceito Hartog, menciona ter se baseado nos escritos delineados por Reinhart Koselleck (2006), em que o filósofo alemão explicita duas categorias caras às narrativas e interpretações históricas, as quais sejam, o horizonte de expectativa (futuro) e o campo de experiência (passado). Haja vista, que ambas aprovisionam as determinações formais permitindo que o conhecimento histórico interprete a execução concreta da história. Pois, essas categorias estão associadas a temporalidade humana e, por conseguinte, meta-historicamente refere-se também a temporalidade histórica¹¹.

Estudiosos da história, apontam que a aquisição da consciência histórica foi a revolução mais relevante pela qual o Ocidente já passou, desde o início da modernidade. Dada a sua relevância, torna-se um privilégio ao homem moderno ter consciência da historicidade do tempo presente e do relativismo que paira sobre as opiniões. Deste modo, a experiência da modernidade foi um marco para construção da conscientização histórica¹². Todavia, ao lançarem esforços para compreenderem as condições e possibilidades em busca do conhecimento da realidade, os modernos inauguraram a epistemologia e/ou a teoria do conhecimento, numa perspectiva interrogatória acerca do conhecimento histórico científico.

Os fios que tecem as tramas da aprendizagem histórica e suas finalidades

Os fios se entrelaçam para compor a tessitura da trama no desenvolvimento da aprendizagem histórica, cuja principal finalidade depreende-se da formação da consciência histórica. A aprendizagem histórica tende a transformar as informações em conhecimento, a partir da aproximação entre teoria e prática. De acordo com Maria Auxiliadora Schimidt, para alcançar sucesso nessa atividade podemos partir da

¹⁰ HARTOG, 2003.

¹¹ KOSELLECK, 2006.

¹² GADAMER, 1998.

construção de uma *literacia* histórica baseada nos estudos de Peter Lee, organizando e aplicando o processo de ensino de história significativo.

A *literacia* histórica tem como escopo o desenvolvimento do Ensino de História, por meio da orientação dos discentes acerca do objeto de conhecimento, das temáticas de abordagem, dos métodos e procedimentos, aclarando os conceitos e trazendo à tona as técnicas que aludem o ofício do historiador para produzir o conhecimento histórico, cujo fito remete ao ensino reflexivo alusivo ao desenvolvimento do pensamento histórico. Nessa atividade que visa colocar a teoria em prática, faz-se necessário manter o diálogo no presente com o passado, de forma a buscar recriá-lo a partir da pesquisa.

Nesse sentido, importa-nos orientar os discentes quanto a ciência de identificar e selecionar os fatos relevantes para explicar o presente; organizar os fatos, a partir de uma perspectiva temporal, aludindo a sequência dos acontecimentos históricos, mostrar que diferentes eventos podem acontecer ao mesmo tempo num mesmo lugar ou em espaços diversos; capacitá-los a ler, interrogar e interpretar os documentos que aludem aos fatos; ministrar explicações sobre as relações entre o passado e o presente; outros povos, culturas, dentre outros aspectos relevantes. Desta forma, conduzi-los a compreensão de que a história parte sempre de uma interpretação dos fatos e que, portanto, a história é multiperspectivada. Nessa expectativa, sugere-se que o Ensino de História contribui para o desenvolvimento de uma educação histórica, capaz de conduzir os discentes à dimensão de produtores do conhecimento.

Ao buscar desenvolver a consciência histórica dos discentes, o docente revela as potencialidades do Ensino de História em sua face mais ampla, que os conduz a superar as formas tradicionais, criar consciência crítica revisionista das narrativas históricas do passado, mensurada na relação presente-passado fundamentada em narrativas amplas e complexas que se orientem no tempo presente, baseadas em princípios como democracia, liberdade, direitos humanos, fundamentado na formação para a cidadania conforme enfatizou o educador Paulo Freire. Desta maneira, docentes e discentes se compreendem como sujeitos sociais, conscientes do fato de que o passado rememorado, estudado e interpretado um dia fez parte do presente do futuro de nossos antepassados e que o hoje é fruto das tomadas de decisões idealizada por sujeitos do passado, de forma individuais e/ou coletivas. Ensina e Aprender História pressupõe a construção de uma relação com o passado, orientada

pelas 3 dimensões que corroboram com a aprendizagem histórica, as quais sejam, a experiência, a interpretação e a orientação que norteiam a produção do conhecimento histórico.

A Educação Histórica, abre possibilidades para trabalharmos uma teoria específica e interdisciplinar a partir da epistemologia da História, da metodologia de investigação em Ciências Sociais, assim como com a Psicologia cognitiva, dentre outras. O principal foco de investigação são as fontes, os princípios, as tipologias e metodologias de ensino e de aprendizado de História, atividade que pressupõem o docente como o mediador deste processo¹³.

Considerações Finais

Ensinar e aprender História, pressupõem-se que seja um exercício complexo, haja vista que essa atividade ocorre por meio de um processo interacional que decorre da alocação da teoria em prática. Reafirmando as relações necessárias e construtivas existentes entre a produção científica do conhecimento histórico e a disseminação desse saber, por meio de métodos, da (re)estruturação desse conhecimento e da fomentação de metodologias e estratégias didático-pedagógicas que favorecem a disseminação do saber, a partir da formação da consciência história que possibilite aos discentes o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, compreendendo o passado a partir do presente e lançando expectativas de horizontes para o futuro próximo.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. **Literacia e consciência histórica**. *Revista Educar*. Dossiê Educação Histórica. Curitiba: UFPR, 2006.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**: princípios e conceitos fundamentais. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 7. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.30.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

¹³ BARCA, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Presentismo e Experiência do Tempo. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro passado**. Contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (org.). **Perspectivas em Educação Histórica**. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2001, p. 13-29.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Professores: entre saberes e práticas. In: **Educ. Soc.** [on-line]. 2001, v. 22, n. 74. p.127.

RICOEUR, Paul. **A crítica e a convicção**. Lisboa: Edições. 70. 1997.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas: Papyrus, 1995.

RÜSEN, Jörn. **Como dar sentido ao passado**: questões relevantes de meta-história. História da Historiografia, Ouro Preto, n. 2, p. 163-209, mar. 2009. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12> Acesso em: set./2023

» <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>.

RÜSEN, Jörn. **Cultura faz sentido**: orientações entre o ontem e o amanhã. Tradução Nélio Schnider. Petrópolis: Vozes, 2014.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2010. p. 23-40.

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2010a. p. 93-108.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história**: os fundamentos da ciência histórica. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história**: uma teoria da história como ciência. Tradução Estevão C. de Rezende Martins. Curitiba: UFPR, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História: pensamento e ação na sala de aula.** São Paulo: Scipione, 2009.